

TEOLINDA GERSÃO

A ÁRVORE
DAS PALAVRAS

Ao quintal chegava-se através da porta estreita da cozinha. E se é verdade que a cozinha era escura, nem por isso se deixavam de ver os objectos, as panelas de alumínio e as gordas caçarolas, os púcaros e as tigelas de esmalte, o fogão esbranquiçado, de bocas de latão, a grande mesa com tampo de pedra onde havia sempre alguma louça esquecida. Mas sobre isso passava-se de largo, sem realmente olhar, corria-se em direcção ao quintal, como se se fosse sugado pela luz, cambaleava-se, transpondo a porta, porque se ficava cego por instantes, apenas o cheiro e o calor nos guiavam, nos primeiros passos – o cheiro a terra, a erva, a fruta demasiado madura – chegando até nós no vento morno, como um bafo de animal vivo.

As coisas, no quintal, dançavam: as folhas largas de um pé de bananeira, as folhas e as flores do hibisco, os ramos ainda tenros do jacarandá, as folhas de erva nascediça, que crescia como capim e contra a qual, em dada altura, se desistia sempre de lutar.

Era quando alguém se deitava sobre a erva que via como eram finas as folhas do jacarandá varrendo o céu e como o sol era um olho azul e doirado espreitando, cegando todos os

outros, para que só ele pudesse olhar. O sol, sobre o quintal e a casa, era o único olhar não cego.

Mas, como eu disse, não se precisava de olhos para ver, porque mesmo de olhos fechados se via, através das pálpebras inundadas de luz – a rede de arame do galinheiro ao fundo, o muro, o telhado da casa, as janelas, a porta escura, sempre aberta, a varanda, em cima, onde ao cair da tarde Laureano se iria sentar bebendo cerveja. Não se precisava de olhos para ver, a tal ponto se conhecia e possuía tudo, e também quase não era necessário esperar nem desejar, as coisas aconteciam por si mesmas, vinham ao encontro das pessoas – assim por exemplo bastava levantar a cabeça ao fim da tarde para ver Laureano sentado na varanda.

Então a noite descia, como cerveja preta entornada pelo céu. Ou como uma pálpebra caindo. Porque era rápido o crepúsculo, a bem dizer não havia crepúsculo, como não havia transição entre as coisas: era a treva, ou a luz.

Em baixo – enquanto ele se sentava na varanda – o quintal crescia como uma coisa selvagem. Brotava um grão de mapira atirado ao acaso ou deitado aos pássaros, brotava um pé clandestino de feijão-manteiga ao lado dos malmequeres, brotavam silvas e urtigas e ervas sem nome no meio da chuva-de-ouro e da bauínea – qualquer semente levada pelo vento se multiplicava em folhas verdes, lambidas pelas chuvas do Verão. E Amélia diria, franzindo a testa: O jardim tornou-se um matagal. E fecharia com força a janela.

Mas não era um jardim, era um quintal selvagem, que assim se amava ou odiava, sem meio-termo, porque não se podia competir com ele. Estava lá e cercava-nos, e ou se era parte dele, ou não se era. Amélia não era. Ou não queria ser.

Por isso não desistia de o domesticar. Quero isto varrido, dizia ela à Lóia. Nenhuma casca de fruta podia ser abandonada, nenhum caroço deitado ao chão. Isso é lá no «Caniço», insistia, sempre que queria repudiar qualquer coisa. Aqui não.

E logo ali a casa se dividia em duas, a Casa Branca e a Casa Preta. A Casa Branca era a de Amélia, a Casa Preta a de Lóia. O quintal era em redor da Casa Preta. Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal.

É preciso cuidado, dizia Amélia. Estar atento. Tudo parece bem à superfície, mas a cidade está podre e cheia de contágios. Ela foi construída sobre pântanos.

Quando alguém adoecia ela pensava sempre em febres antigas, que periodicamente voltavam e deixavam as pessoas olheirentas e débeis, como sugadas por espíritos malignos. O pântano, ou a memória do pântano, que nunca conhecera porque tinha sido extinto há quase um século, parecia assediá-la ainda, em visões de pesadelo. Como se estivesse ali muito perto a água apodrecida das línguas. E acompanhava ela mesma o guarda sanitário e o sipaio, que vinham de longe em longe, de braçadeira amarela, vasculhar o quintal, pulverizando os cantos e os muros com um produto malcheiroso que devia exterminar ou afugentar os mosquitos.

Na Casa Preta não havia medo dos mosquitos, nem se receava, a bem dizer, coisa nenhuma. Na Casa Preta as coisas cantavam e dançavam. As galinhas saíam do galinheiro e pisavam a roupa caída do estendal, cagando alegremente sobre ela, Lóia gritava enxotando-as mas desatava a rir ajoelhada na terra, esfregava outra vez a roupa com um quadrado de

sabão e regava-a com o regador cheio de água. Parecia divertir-se a fazer as coisas, porque ria sempre e nunca prendia realmente as galinhas, que tornavam a cagar na roupa, que ela regava outra vez – a água saía em chuva pela mão do regador que balançava na mão dela. E pelo caminho entre a torneira e a roupa, ela ia ressuscitando as flores.

Assim, as flores nunca morriam muito tempo, voltavam outra vez a abrir, bastava ela passar algumas vezes para cá e para lá, balançando sobre elas a mão do regador e a água transformada em chuva. E houve um dia em que ela ressuscitou mesmo um cocorico, depois de primeiro o ter matado na mesa de pedra da cozinha, mergulhado em água a ferver depenado, sentada num banco, à entrada do quintal.

Em cima do avental manchado de sangue, com o bico aberto e as asas alargadas, ele parecia esparramado como um saco de feijão-jugo. Se lhe escapasse da mão, faria de certeza muito barulho a cair. Mas a mão dela era certa, arrancava as penas e atirava-as por cima da cabeça – depois o vento levantava-as e ela ficava no meio de uma nuvem esbranquiçada de penugem leve, que pairava em volta e demorava tempo a descer outra vez até ao chão, enquanto o frango se tornava uma coisa amarela e gordurosa, quase redonda e sem asas, que nessa noite apareceu triunfalmente à mesa, depois de primeiro desaparecer pela porta escancarada do fogão.

Mas na manhã seguinte ela tirou-o do avental e deitou-o outra vez na capoeira. E então se percebeu como ela juntara os ossos e os cobrira com aquela pele grossa, amarela de gordura, pontilhada no lugar das penas, e como tinha sido fácil espetar de novo uma pena em cada lugar já marcado,

ajeitar o galispo com mãos hábeis, como se ele fosse de barro, colocar as patas, as unhas, o bico, os olhos, um de cada lado, e por fim a crista, no alto da cabeça.

Lóia abre-lhe os olhos levantando as pálpebras caídas, alisa-lhe as penas, sopra-lhe para dentro do bico. O galo levanta o pescoço, sacode as asas, abre finalmente os olhos. Agora está de pé, em cima da mesa, e começa a cantar.

Laureano também pertence à Casa Preta. Não tem medo dos mosquitos e plantou ele mesmo um rícino, ao fundo do quintal. O gato *Simba*, que trouxe um dia no bolso do casaco, dorme a seu lado no tapete, à hora da sesta, nos dias em que ele vem almoçar a casa, e que são aliás quase todos. Laureano em geral não dorme a sesta, apenas dormita, sentado na cadeira inclinada, de braços muito largos, a que chamamos cadeira-à-aviador.

Mas o melhor momento é à noite, antes de eu adormecer, quando ele pega numa caixa de música que tem em cima um gato que dança. É um animal surpreendente, que veste um gibão de cetim e uma camisa de folhos com *jabot* de renda e segura acima da cabeça um arco de flores que se mantém no ar enquanto ele dança, com sapatos azuis de salto alto. Tudo nele me intriga e me fascina, porque é um gato invulgar, de quem nunca se pode pensar, como de *Simba*, que é cunhado do gato-bravo e sabe ainda muitas coisas da floresta.

Laureano dá a volta à manivela e ele gira sobre si próprio ao som da música – notas leves, metálicas, que lembram vagamente um som de timbila. Ocorrem-me perguntas – por que razão se veste assim e usa aqueles sapatos? – mas não quero falar para não deixar de ouvir, e terei adormecido antes de ele ter acabado de dançar.

Em troca deste gato e da sua música jogarei um jogo contigo. Assim, quando chegas à tarde, e chamas, entrando a porta: Giii-iitaaa... – só o silêncio responde, a casa parece vazia e sonolenta. Porque eu não estou, como à hora do almoço, à tua espera à janela, transformei-me num animal pequeno, escondido em passos furtivos atrás do guarda-louça. E tu deixaste de ser tu, és agora um animal grande chegando, fatalmente chegando, cada vez mais perto.

Sinto-te caminhar, invisível, por entre os móveis da entrada, empurrando a porta da sala, farejando o ar, à procura, por debaixo das mesas e por detrás das cortinas, enquanto eu quase desapareço na sombra, com o coração a bater cada vez mais. Sabendo que nada me dará tanto prazer como esse instante de quase terror em que me encontras, quando ainda não és tu, nem és sequer um homem, mas o desconhecido, o animal, o monstro, entrando de repente em casa e violando a sua ordem antiga.

Ser encontrada é uma morte, um júbilo, o passar de um limite. Por isso eu grito, de terror, de gozo e de espanto. E então tu pegas em mim e eu sei que estou à tua mercê e que, como um animal vencedor, me poderás levar contigo, para o outro lado da floresta. Sim, esse instante é uma pequena morte jubilosa. Triunfas sobre mim e, como se me devorasses, eu desapareço nos teus braços. Mas de repente continuo viva, como se voltasse à tona de água, do outro lado de uma onda gigantesca.

E agora és de novo tu, de novo um homem, o homem amado desta casa. Vejo o teu rosto, o teu corpo, os teus olhos sobretudo, e não sei como foi possível ter estado alguma vez

no teu lugar o animal. Ou o mal. Porque agora me és familiar como o vento ou a chuva.

Então sobrevém um grande riso e uma grande paz, nesse instante vertiginoso em que o informe aterrador se estilhaça e transforma de novo em ti. E eu rio de prazer porque todo esse jogo é obra minha. Sou eu, quieta, enrodilhada atrás da porta, que te converto em animal, quando o sangue me bate com tanta força no peito que o coração quase me salta à boca. Sou eu que me deixo descobrir e de novo te transformo em homem.

Nessa altura sinto por ti uma grande ternura e uma grande piedade pela tua falta de perspicácia, porque é apenas um jogo mas tu não vais nunca aprender isso, e sempre de novo vais cair dentro dele como dentro de um poço, e eu ficarei em cima, rindo – e o riso será como uma pedra atirada, agitando a água, muito tempo, em círculos.

E depois fecho os olhos e sei que também eu vou cair dentro, também a mim esse jogo arrasta, como água, para dentro de um poço. Luminoso no fundo. Embora eu saiba que é um jogo – que todos os dias invento, reinvento, quando chegas. Um jogo repetido, como o sol, ou a lua, na janela.

Todas as coisas, no quintal, dançavam, as folhas, a terra, as manchas de sol, os ramos, as árvores, as sombras. Dançavam e não tinham limite, nada tinha limite, nem mesmo o corpo, que crescia em todas as direcções e era grande como o mundo. O corpo era a árvore e o corpo era o vento. Tocava-se no céu levantando apenas um pouco a cabeça, balançava-se no vento dançando, nessa altura a vida era dançada, só de pôr um pé adiante do outro o corpo se

acendia em festa: tudo estava nele e era ele, os gritos altos dos pássaros, o bafo quente do Verão africano, a grande noite povoada de estrelas. Mas o infinito não tinha sobresalto, nem sequer surpresa, era uma ideia simples, apenas a certeza de que se podia crescer até ao céu.

Talvez porque se era tão grande se sabiam todos os segredos, o mundo era familiar, nos mais ínfimos detalhes conhecido: sabia-se a casca sinuosa do caracol e o ruído da chuva sobre as folhas. As manchas do sol no muro e a cantilena alta das cigarras. O sabor da terra sobre a língua e o gosto adocicado das formigas.

O quintal e a casa também não tinham limite e tudo cabia dentro deles: ouviam-se, quando a gente se distraía e pensava, os passos furtivos dos animais selvagens, e dormindo sentia-se na cara o seu bafo. E quando se dormia assim fundo, os pés e os braços misturavam-se com o seu corpo bravo e sabiam de repente o salto, de um ramo para outro, mesmo quando era preciso saltar sobre as torrentes e as quedas de água dos sonhos.

Então suspirava-se, respirando com a boca entreaberta nos lençóis, voltava-se a cabeça na almofada, mas continuava-se a correr na selva, poisando sem ruído as patas grossas, farejando o ar tépido da noite. Atento ao menor rumor, por entre as folhas. Percorriam-se longos caminhos, na floresta e na noite. Bebia-se, enfim, a água procurada há muito. Baixava-se a cabeça até tocar na superfície e partia-se de novo, no pé ligeiro do antílope.

Ou mergulhava-se todo o corpo na água, para matar a sede mais depressa, e era-se então um corpo lodoso e satisfeito de paquiderme afundado.

Toda a noite se andava livre, e podia-se trocar de pele a cada instante. Ser o corpo veloz da doninha e com a sua boca comer frutos sumarentos de mampsincha. Farejar o vento com o focinho irado da quizumba.

Podia-se ser tudo, e de manhã voltava-se. Abriam-se os olhos, mas, mesmo de olhos abertos, nada era diferente. Saltava-se da cama com o pé fendido da zebra e escovavam-se ao espelho os dentes aguçados do coelho ou da lebre. Lóia punha na mesa o leite e a fruta e devorava-se tudo com boca de animal esfaimado. Saía-se a porta abanando a cauda.

O dia não quebrava os sonhos, podia-se dormir de olhos abertos, e a vida era gozosa e fácil como o jogo e o sonho. Podiam-se abrir os braços e gritar: Eu vivo – mas não era necessário esse gesto exultante e excessivo, as coisas eram tão próximas e simples que quase não se reparava nelas. Saía-se por exemplo a porta da cozinha sem se dar conta de transpor um limiar. Não havia separação entre os espaços, nem intervalos a separar os dias. Porque o corpo ligava a terra ao céu.

Lóia estava no quintal e as coisas andavam em volta. É assim que a vejo: ela imóvel, fixa num ponto, e as coisas girando em volta.

A água sai com força da torneira, no tanque para onde ela atira toalhas e lençóis, cai a espaços quando tira a válvula, leitosa de sabão. Ela torce a roupa, molhando os pés que parecem cobertos de leite até aos tornozelos, segura com um dos braços a Ló, ajeita melhor a capulana com que a prende sobre o peito. Lóia traz sempre uma criança pendurada, no peito ou nas costas.

Sei que foi assim que um dia ela apareceu, segurando Orquídea. Desconfiada, parando à porta. Aqui precisa ama? Sem largar Orquídea.

Entra, entra, diz Amélia impaciente, tão impaciente que por completo o leite lhe seca, e a língua lhe seca, e toda ela se afia de magreza e pressa, fechando logo a porta. Entra já, que essa aí não pára de gritar e desde ontem que estou à tua espera. Não te mandei recado pela Fana?

Mas Lóia não tem pressa, porque Orquídea também não tem pressa, vai sugando e suspirando muito, com ruídos de pequeno animal saciado. Amélia estremece de nojo na cozinha. É preciso desinfetar-lhe o peito com álcool, ou Gita vai sofrer todos os contágios. Mas ela recusa-se a deitar qualquer desinfectante nos mamilos, e Gita sofre o pior dos contágios: torna-se negra como Lóia e Orquídea.

Lóia dá um peito a uma e outro peito a outra, sentada na cozinha e no quintal. E assim eu ganho o mesmo cheiro de Orquídea e uma carne densa e flexível, ao mesmo tempo cheia e sem gordura, coberta por uma pele macia como a seda. Lóia não se separa de nós, às vezes nem sequer quando dormimos. A uma e a outra (as mais das vezes, àquela que não dorme), trá-la junto ao corpo, segura na capulana, e assim cozinha, esfrega o chão, varre a casa, lava a roupa, acende o lume, escama o peixe, corre a ferro os vestidos, sacode o pó dos bibelôs com o espanador de penas azuis e amarelas.

Laureano sorri, sentado na varanda. Sabe que não vou morrer, eu que até aí era pálida de cera e tinha os braços finos como as linhas de coser de Amélia.

Lóia também sorri. Um sorriso lento, que paira nos lábios

grossos, os dentes espreitando, brancos, separados, no meio das gengivas.

A cortina corrida, a penumbra quente do quarto, a roupa atirada na cadeira, a voz ciciada de Lóia à hora da sesta: Chut, chut. A porta fechada devagar, a cauda de *Simba* no ar, entre os batentes, retirada sem pressa, no último instante.

Eu olhava Orquídea, na claridade frouxa, como se olhasse um espelho. Do meu tamanho, em tudo igual a mim. E sobre nós duas Lóia dizia: chut, chut, entalando o lençol e fechando a porta.

O dia inteiro eu era sua irmã. Orquíídeaaa, grito abraçando-a, debaixo do jacarandá. Ela deixa-se abraçar até ficar sem fôlego, agarra punhados de terra com as mãos, atira-os ao ar com força. Lutamos, tapando os olhos, sacudimos a terra da cabeça.

Até que vou ter com Lóia: Quero o cabelo como Orquídea. Penteadado em trancinhas em volta da cabeça.

Lóia tira as mãos da bacia da roupa e desata a rir. Espera, espera.

Divide-me o cabelo em pequenas mechas, da grossura de fios de lã, prende nas pontas uma semente furada ou uma conta de vidro, e entrança-os com os dedos, como se fizesse um bordado. Espera, espera, vai repetindo, enquanto eu me torço de impaciência, com a cabeça deitada no avental.

Mas o resultado é deslumbrante: fico exactamente igual a Orquídea. Sacudo a cabeça, trémula de riso: as trancinhas abanam, mas continuam no ar, balançam como antenas de insectos, não duas mas dez, espalhadas em volta. Abraço

a minha imagem, que por toda a parte me segue, e que é Orquídea.

Mas Amélia não gosta de me ver. Tira isso depressa da cabeça, diz abrindo a porta do quarto da costura.

A alegria, cada manhã, como um pássaro batendo na janela. E o sol era uma cabeça de girassol gigante.

Percorre-me, disse a casca do caracol, e eu segui com a ponta do dedo a linha escura que partia de um ponto e se alargava numa roda e quando ia acabar se transformava noutra e noutra, e nenhuma delas tinha fim nem se fechava.

Vem comigo, disse a formiga desaparecendo na terra.

Canta mais alto, disse a cigarra.

Entra dentro de mim, disse a árvore.

Eu te levo, disse o vento.

A água pingava da torneira e formava um pequeno charco no canteiro, a água que caía de cima acordava a água que se acumulava em baixo e as gotas dançavam como bailarinas.

Sol-sol-sol-sol, dizia a água caindo.

E a poça de água repetia cantando:

Sol-sol-sol-sol – quatro notas diferentes, duas mais agudas, quase seguidas, rápidas, entre duas outras mais lentas, hesitantes.

Ficava-se muito tempo debaixo da árvore, encostado ao tronco, e, como eu disse, a gente transformava-se em árvore. Ou também em pássaro, embora voar fosse mais difícil. Mas ser as coisas era fácil. Porque de repente se tinha na mão a raiz de tudo o que era vivo. Então o primeiro ouvido abria-se e começava a ouvir o vento. E depois de muito tempo o segundo ouvido abria-se e começava a ouvir a chuva.

E havia ainda muitos outros ouvidos, que escutavam o sangue e a voz das coisas.

Nessa altura sabia-se tudo e podia-se ordenar sobre o mundo:

Acorda, fermento, levanta-te e acorda.

Pára, vento, dobra as tuas pernas e senta-te no telhado, ou cruza os teus pés e descansa debaixo do alpendre esta noite.

Senta-te, morte, na beira da cama e não leves logo no teu saco aquele que vai morrer, dá-lhe ainda um pedaço de tempo, um pedaço mesmo só do tamanho de uma folha de palmeira.

E tão depressa como abrir e fechar os olhos a noite vinha, e a manhã voltava.